



NÓS POR NÓS MESMAS: a experiência vivida com as mulheres do Grupo Sororidade Feminina no município de Pinhais/PR

Maristela da Silva Soares¹

Resumo

O estudo apresenta o relato de experiência vivenciada com as mulheres do Grupo Sororidade Feminina, promovida pelo Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), cujos encontros aconteceram no CENFORPE II – Complexo da Secretaria Municipal de Educação de Pinhais-PR. A experiência ocorreu a partir das observações e percepções sentidas durante a construção do projeto que buscou, de forma conjunta com as participantes, compreender a importância da prática da sororidade e do empoderamento feminino. O estudo busca proporcionar a reflexão crítica sobre opressões sofridas pelo gênero feminino e, de forma coletiva, desconstruir uma mentalidade e cultura misógina, ao mesmo tempo em que cria uma rede de solidariedade entre as mulheres. Metodologicamente, a pesquisa é descritiva, de natureza qualitativa, na modalidade de ação participativa, cujo método investigativo propicia a construção de uma prática dialógica em pesquisa mediante o compartilhamento do exercício de pensar. Trata-se de uma metodologia de trabalho realizado com um grupo de mulheres, sem hierarquia e autoridade, baseado na relação eu-tu-nós, que visa criar um espaço dialógico democrático.

Palavras-chave: roda de conversa; mulher; sororidade; empoderamento.

¹ Pós-graduanda em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar pela UFPR, Setor Litoral, ystilla@gmail.com.

GT 03 - Feminismo, políticas públicas e novas estratégias de resistências: de marchas, movimentos e margaridas

WE FOR OURSELVES: the experience lived with the women of the female sorority group in the municipality of Pinhais/PR

Abstract

The study presents the experience report with women of the Sorority Women's Group, promoted by the Family Health Support Center (NASF), whose meetings took place at CENFORPE II - Complex of the Municipal Secretariat of Education of Pinhais-PR. The experience occurred from the observations and perceptions felt during the construction of the project that sought, together with the participants, to understand the importance of the practice of sorority and female empowerment. The study seeks to provide critical reflection on the oppressions suffered by women and, collectively, to deconstruct a misogynistic mentality and culture, while creating a network of solidarity among women. Methodologically, the research is descriptive, qualitative in nature, participatory action, whose investigative method provides the construction of a dialogical practice in research by sharing the exercise of thinking. It is a methodology of work carried out with a group of women, without hierarchy and authority, based on the I-you-we relationship, which aims to create a democratic dialogical space.

Key words: wheel of conversation; woman; sorority empowerment.

Introdução

O projeto do Grupo Sororidade Feminina surgiu a partir da inquietação dos profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do município de Pinhais/PR em promover um espaço de construção coletiva onde pudessem abordar questões sobre a importância da prática da sororidade e, assim, ampliar o debate sobre o feminismo e a luta da mulher pela igualdade de direitos. Os encontros do grupo de mulheres acontecem regularmente e são baseados na metodologia participativa da Educação Popular - estratégia libertadora que promove a emancipação humana, política e social dos coletivos historicamente excluídos.

Assim sendo, descreve-se, inicialmente, o desenvolvimento das rodas de conversas por entender que se trata de um método que busca aliar cultura às ideias de educação, possibilitando liberdade e transformação dos indivíduos e do meio em que vivem. O estudo constitui-se numa pesquisa de cunho qualitativo com o uso da observação participante. Os encontros são dialógicos e criam possibilidades de produção e ressignificação de sentido, cujos saberes têm origem nas experiências vivenciadas pelas mulheres que participam do projeto.

Este estudo visa, a partir do espaço dialógico, construir a ideia de que a união feminina é capaz de protagonizar revoluções diárias e cada vez mais visíveis, promovendo importantes transformações na sociedade e no mundo. A experiência compartilhada com essas mulheres possibilitou a construção de um coletivo feminino em busca desse protagonismo, visando mudanças reais, sendo a construção percebida a partir das estratégias metodológicas utilizadas nos encontros. Compreende-se, porém, que, muitas vezes, as mudanças são lentas, e se evidenciam em diferentes momentos na vida dessas mulheres, e que é preciso considerar todas as especificidades e intersecções, não deixando passar as opressões. E, mesmo reconhecendo que umas são diferentes das outras, existe algo profundo que as conecta.

A fim de organizar o caminho percorrido de tais inquietações, este artigo está dividido em quatro partes: a primeira promove uma discussão teórica/conceitual que fundamenta o conceito de sororidade e a importância de sua prática na perspectiva de que ela seja a aliança entre as mulheres de distintas experiências e perspectivas sociais. A segunda parte apresenta e justifica a proposta das rodas de conversas como uma prática dialógica, a partir da experiência realizada com as mulheres. A terceira parte apresenta as estratégias de realização da metodologia aplicada nas rodas de conversa e vivenciadas nesta experiência, relatando as percepções a partir das falas informais das participantes. A quarta parte propõe as reflexões críticas a partir do que as rodas de conversa proporcionaram nesta experiência e das diferentes

ações realizadas. E, por fim, o estudo busca refletir sobre a experiência vivenciada neste projeto, apontando suas dificuldades e sucessos.

Vamos juntas: a importância de fortalecer a aliança entre as mulheres

Inicialmente, e antes de apresentar a experiência vivenciada com as mulheres no Grupo Sororidade Feminina, é importante apresentar alguns conceitos que embasam as práticas desenvolvidas. Esta revisão teórica discorre sobre a importância da realização do projeto, que segue as temáticas propostas nas rodas de conversas com as mulheres envolvidas no estudo.

Para compreender a necessidade da união feminina é preciso saber que há uma dominação masculina oriunda da ordem patriarcal, a qual pode se apresentar em forma de violência contra as mulheres, seja física ou simbólica e, apesar da diferença entre as duas, a gravidade é sempre a mesma. Há quase um consenso entre a sociedade de que se a mulher não se opõe ao sistema dominante patriarcal, ela não é considerada intrusa, porém, se o contrário acontece, ela pode ser vítima da desigualdade de gênero construída culturalmente (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1000).

De acordo com Saffioti (2011, p. 115), em uma sociedade patriarcal os homens possuem o poder de definir a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo permissão ou, no mínimo, a tolerância da sociedade para punir os que não obedecem aos padrões impostos. A partir dessa condição, a dominação e a submissão de gênero são legitimadas, conferindo ao homem o poder e justificando a sua superioridade na sociedade.

Essa violência de gênero, da qual a mulher é vítima, é compreendida por Faleiros (2007, p. 62) como estruturada social, cultural, econômica e politicamente. Assim, difunde-se a ideia de que os seres humanos são divididos entre machos e fêmeas, tendo cada sexo o seu distinto lugar, papel, *status* e poder nas esferas pública e privada e,

também, nos contextos familiar, profissional e político (MACHADO, 2014, p. 379). Isso atribui menor valor ou capacidade à natureza feminina pelo simples fato de ser mulher, ou seja, ao nascer do sexo feminino ela tem menos direitos, menos liberdade e mais deveres do que os homens.

Dessa forma, pode-se afirmar que o machismo estrutural é dominante e estabelece as relações de poder/dominação de um sexo sobre o outro, estando presente em todos os âmbitos da vida social. São conceitos enraizados na formação social, os quais contribuem com a construção dos indivíduos, reproduzindo formas sexistas de ser e pensar, e estabelecendo privilégios ao homem a partir da subordinação da mulher (COSTA, 2019, p. 1).

O poder machista dominante se sustenta na crença de que as mulheres não têm capacidade de apoiar e ajudar umas às outras e de que são naturalmente rivais. O patriarcado vê a união entre as mulheres como um perigo que deve ser evitado (BABI, 2016). E, é devido ao fato de essas estruturas de dominação estarem tão arraigadas no imaginário social que as mulheres crescem acreditando no mito da rivalidade feminina. Esta ideia vem sendo construída ao longo da história, fundamentada na ideologia da dominação masculina, que coloca isso como algo naturalizado e tradicional à manutenção do poder do patriarcado.

Fica claro, então, que a união feminina é um mal a ser combatido para que a ordem estabelecida permaneça e não seja questionada. A ideologia masculina dominante cria o mito da rivalidade feminina como algo naturalizado e tradicional para a manutenção do poder. Sendo assim, os laços de irmandade e fraternidade entre as mulheres não se efetivam por serem “eternas” rivais (TIBURI, 2016, p. 7). Ou seja, a rivalidade entre as mulheres tem um objetivo estratégico, pois ao competirem entre si são incapazes de se unir nas semelhanças, de serem empáticas em suas diferenças interseccionadas, o que lhes impossibilita construir a equidade.

A rivalidade feminina desde sempre foi propagada pela sociedade patriarcal. Seja de forma evidente ou sutil, o que mais assusta é que grande parte dos comentários ofensivos contra as mulheres é manifestada pelas próprias mulheres. Essa conduta competitiva evidencia o machismo sistemático presente no meio social, enfraquece a luta pela igualdade de gênero e, conseqüentemente, de todas as mulheres, sendo naturalmente legitimado e reproduzido, inclusive, por mulheres (BERNARDES et al., 2016). Segundo análise de Saffioti (2004), este sistema de dominação é intrínseco às relações sociais, não sendo necessária a presença do patriarca para que a máquina do patriarcado se mova.

A cultura patriarcal ainda persiste na atualidade como forma de estruturação dos sujeitos. Percebe-se, porém, que as mulheres estão em busca da consolidação de direitos e de autonomia. Neste sentido, Fernandes e Mota (2008) afirmam que é necessária uma sociedade que se movimente na direção de desconstruir valores e práticas que sustentam esta postura tradicional masculina. Para tanto, é preciso falar sobre isso, transformar mentalidades, desfazer conceitos arraigados e que ainda permeiam o imaginário social apesar das transformações ocorridas na realidade do cotidiano.

Tendo em vista a continuidade dessa condição que sustenta o sistema patriarcal, é indiscutível a necessidade da sororidade², conceito nascido sob a ótica do feminismo contemporâneo, compreendida como a aliança entre as mulheres, com base na empatia e companheirismo, que visa alcançar objetivos em comum (SOUZA, 2016, p. 41).

² “A origem da palavra ‘sororidade’ está no latim *sóror*, que significa ‘irmãs’. Este termo pode ser considerado a versão feminina da fraternidade, que se originou a partir do prefixo *frater*, que quer dizer ‘irmão’. O conceito da sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática desse movimento de igualdade entre os gêneros. Ele significa a aliança entre as mulheres em busca de alcançar objetivos comuns, ele fala sobre empatia, solidariedade, companheirismo, respeito, e a consciência de que precisamos apoiar umas as outras para que juntas possamos buscar a liberdade que queremos.” (<https://www.significados.com.br/sororidade/>).

O termo “sororidade”, porém, possui um significado mais amplo, uma espécie de pacto político e ético de irmandade entre as mulheres com vistas a despertar práticas que busquem preservar e estimular a proteção e a defesa entre o gênero feminino, visando combater o patriarcado (PENKALA, 2014). É, também, uma forma de conscientizar as mulheres sobre a cultura misógina, uma forma coletiva de desconstruir uma mentalidade enquanto se cria uma rede de solidariedade entre elas (GARCIA; SOUZA, 2015).

A partir do momento em que se busca unir as mulheres e ir contra o mito da rivalidade entre si acontece o empoderamento³ feminino, construído por elas próprias a partir dessa irmandade. Isso porque, quando a solidariedade é colocada em prática, as relações femininas, que nem sempre são empáticas, começam a ser transformadas (SOUZA, 2016, p. 53).

Dessa forma, é possível combater o discurso patriarcal que põe a mulher como inimiga da outra, pois quando as mulheres reproduzem a ideia de rivais elas enfraquecem, mas quando a sororidade é colocada em prática, elas são empoderadas. E, a partir, dessa visão as mulheres devem questionar suas atitudes machistas e de desunião, e buscar a transformação nas relações femininas com a prática da sororidade (SOUZA, 2016, p. 53).

No entendimento de Souza (2016), é necessário mudar o caráter da discussão sobre a aliança feminina a fim de atingir a eficácia da sororidade, tornando-a mola propulsora do fortalecimento do movimento feminista. É importante que se forme uma rede que englobe as inúmeras nuances que diferenciam as mulheres de acordo com o seu contexto. Esse novo enfoque deve ter como prioridade a análise das diversas opressões sofridas de raça/etnia, classe, gênero e relações interpessoais entre as mulheres, inclusive as que permeiam o próprio

³ Empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

movimento feminista e o âmbito social comum. É preciso entender que as opressões são vivenciadas de modos diferentes, portanto, diferenciar é importante porque além de humana a mulher é um ser social com diferentes necessidades. E, por fim, entender que sororidade não é amar todas as mulheres, mas sim não odiar uma mulher por ser mulher. O gostar aqui deve ser compreendido na dimensão do entender/defender para além do afetivo.

Com o passar dos tempos tornou-se imprescindível questionar a pretensão universalista da sororidade, pois a suposta ideia de solidariedade contida no termo “todas” se torna uma falácia, escamoteia as diferenças e pluralidade das mulheres, abrindo espaço para as generalizações, promovendo a sua invisibilidade. As diferenças marcam e, muitas vezes, isso acontece de maneira violenta. Sendo assim, é necessário que seu conceito abarque as desigualdades entre as mulheres, principalmente de classe, porque nem todas são iguais, nem todas passam pelas mesmas vivências que outras, e nessa diferenciação, não há solidariedade de fato, pois ela se mostra ineficaz (COSTA, 2009, p. 22).

É evidente que os recortes da sociedade, tais como classe, gênero, orientação sexual e raça são adicionadas ao gênero feminino como níveis de opressão. Neste sentido, Saffioti (2011) afirma que “a ordem das bicadas na sociedade humana é muito complexa, e sua origem acontece a partir de três contradições, são elas: de gênero, de etnia e de classe”, ou seja, a sororidade deve ser inserida nesses níveis de hierarquia social. Isto significa que ao se falar da libertação das mulheres e da rivalidade entre elas, é necessário expressar o seu lugar de fala, e que o verdadeiro sentido de irmandade/fraternidade alardeado neste conceito leve em consideração tais aspectos para que possa atingir uma empatia real e efetiva.

A partir desses questionamentos e esforços, é necessário compreender que a prática da sororidade favorece as mulheres no sentido de evidenciarem o seu feminismo, que se materializa a partir dessa solidariedade entre o gênero feminino. Desse modo, ao se

potencializar a cultura feminista, combate-se a dominação masculina e a violência que ela gera. Esse movimento deve ocorrer por parte de todas as mulheres, já que a luta não se fortalece com uma só, mas é conquistada a partir da união de todas (GARCIA; SOUZA, 2015, p. 1003).

É válido ressaltar que a empatia e a solidariedade são posturas femininas a serem exercitadas entre as mulheres. Destarte, é preciso que se coloquem umas no lugar das outras, sendo mais sensíveis às dores alheias. É a partir desse movimento que se cria a possibilidade de extinção da competição entre si e a quebra no padrão instituído pela ordem machista, patriarcal, sexista⁴ e misógina⁵. Conseqüentemente, as amarras, imposições e opressões serão banidas, propiciando a construção de uma nova ordem e um novo modo de relacionamento entre as mulheres.

O projeto busca, portanto, promover a prática da sororidade, pois vem sendo construído como uma proposta política que permitirá ampliar todas as lutas. Trata-se, portanto, de uma relação a ser construída, pois não está dada, tampouco definida ou acabada. O projeto busca, também, não perder de vista os riscos de fragilidade do seu caráter emancipatório e empoderador, pautando-se na luta pela liberdade e na independência do gênero feminino, bem como possibilitar maiores reflexões e movimentos com vistas às mudanças

⁴ “O sexismo corresponde a uma separação exclusiva (dualista) entre os gêneros masculino e feminino, o estabelecimento de relações de poder desiguais e à associação de significados pejorativos em relação a um dos gêneros, ou seja, são formas de comportamento e ideologias nas quais são atribuídas determinadas disposições e capacidades a indivíduos ou grupos simplesmente por causa do sexo a que pertencem. Trata-se de uma forma de discriminação, que conduz à subalternização, à marginalização ou mesmo à exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo.” (MADUREIRA, 2007, p. 79).

⁵ Misoginia (do grego *μισέω*, transl. *miseó*, “ódio”; e *γυνή*, *gyné*, “mulher”) é ódio, desprezo e preconceito contra mulheres e meninas e se manifesta nas sociedades patriarcais por meio diferentes formas de violência contra as mulheres. Misoginia envolve o ódio em relação às mulheres ou um tipo de mulher por uma razão específica. A razão é que as mulheres para as quais o ódio é dirigido não agem de acordo com as crenças que o misógino tem sobre como as mulheres devem pensar e se comportar. (<https://www.insectashoes.com/blog/beaba-dos-termos-o-que-e-machismo-sexismo-misoginia-e-feminismo/>).

estruturais. Ademais, visa proporcionar às mulheres a eliminação de todas as formas de opressão, violência e exploração que envolvem o gênero feminino.

Metodologia: o caminho percorrido em busca da sororidade

Feitas as considerações teóricas para elucidar os princípios que norteiam e justificam o Grupo Sororidade Feminina, apresenta-se, a seguir, a sua metodologia de trabalho e o seu projeto para, posteriormente, examinar os resultados alcançados e a sua importância. Antes de apresentar o projeto é necessário conhecer os caminhos percorridos no embasamento deste estudo e a importância da sua utilização na construção deste projeto.

Inicialmente, é preciso entender que o ato de pesquisar só começa a ser visto como uma forma educativa a partir dos movimentos sociais, como feminismo e educação popular. É a partir desse momento que os métodos de pesquisa deixam de ser pesquisados como instrumentos rígidos e passam a ser aplicados, como uma necessidade de criar novas relações de trabalho de pesquisa entre as pessoas. Brandão e Streck (2006, p.273) afirmam que “não é mais possível entender o método como uma metodologia cartesiana, ou seja, um método estruturado que levará à verdade”. E que antes do domínio de determinadas técnicas é fundamental exercer a capacidade de escutar, uma escuta densa, intensa e im(paciente), cuja ação já se aplica como um exercício da sororidade.

Um dos educadores desse universo é Rubens Alves, que usa a metáfora da rede de pescar para se referir ao “método que os cientistas usam para pegar seus peixes” (ALVES, 2005, p. 108). O autor menciona que muitas coisas podem escapar dos métodos escolhidos, e chama a atenção para os formatados, ou seja, nem todo o peixe é pego pela rede, ou porque a rede tem suas brechas ou porque não deu conta de conter

os peixes ou até mesmo porque os peixes fugiram dela. Com esta metáfora o autor ensina que como pesquisadores é preciso pescar com diferentes tamanhos de rede, cores e espessuras. E que ao lançar a rede deve-se direcioná-la a diferentes águas, observar os ventos e, assim, adaptar a maneira de pescar, agregando outras formas, ou seja, usar diferentes métodos de pesquisa, inovando as metodologias (ALVES, 2005, p. 108). O uso do método da pesquisa participativa neste estudo vem no sentido de contrapor o uso de métodos tradicionais, que nem sempre abarcam as múltiplas dimensões do cotidiano e que não promoverão a transformação no ideário social.

Ao compreender o que é o ato de pesquisar, a equipe buscou elaborar este projeto apropriando-se das ideias de quem compartilha dos mesmos preceitos, visando dar maior significado às rodas de conversa com as mulheres do grupo. Dentre eles apropriou-se dos conceitos de Educação de Paulo Freire (2011) ao ensinar que a educação é uma prática direcionada à autonomia do indivíduo. Ou seja, a sua forma de pensar e elaborar o processo educativo possibilitou à equipe envolvida neste projeto compreender que se deve considerar as mulheres participantes como constituintes dessa prática e o seu lugar na possibilidade, na origem e na essência do conhecimento. Assim, quem participou do projeto não foram meras informantes, mas mulheres que têm maneiras de conhecer e produzir saberes, ou seja, é importante reconhecer que quem participa da pesquisa é um ser pensante e criador de sabedoria e conhecimento.

Cabe, portanto, experimentar outras formas e outros códigos para se relacionar com o mundo a fim de desconstruir a cultura patriarcal que perdura até a contemporaneidade (PISANO apud BECKER, 2015).

A partir dessas perspectivas, o projeto fomentou uma cultura de reflexão sobre os direitos humanos. Seu referencial teórico partiu da articulação de autores da Psicologia Social, da Psicanálise, da Educação e o seu fundamento metodológico se alicerçou nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de espaços

onde as mulheres possam refletir acerca do cotidiano, ou seja, da sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida (AFONSO; ABADE, 2008). É nesses moldes que o grupo percorreu o seu caminho, ou seja, a partir de um espaço em que as mulheres pudessem se expressar, visando à superação de seus medos e entraves. E, a fim de ajudar nesse processo de superação, facilitando a comunicação e a interação, passou-se a fazer uso das técnicas de dinamização de grupo, como: apresentação do seu perfil, realização de perguntas, entre outras. As mediadoras, porém, até podem escolher uma técnica visando um objetivo, mas são as participantes que dão a palavra final, ou seja, são elas que vivenciam e direcionam a técnica conforme seus objetivos.

Sendo assim, este estudo é constituído de forma descritiva de natureza qualitativa na modalidade de ação participativa, em que a pesquisadora se insere como sujeito da pesquisa, participando da conversa e, ao mesmo tempo, produzindo dados para a discussão. Este método investigativo tem duas dimensões: a participação popular nesse processo e a participação da pesquisa no processo das ações populares (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 31). O seu emprego propicia a construção de uma prática dialógica em pesquisa, bem como o exercício de pensar compartilhado (AFONSO; ABADE, 2008), que permitem a partilha de experiências e reflexões a partir de diálogos internos e de uma observação silenciosa e reflexiva dessas mulheres sobre a importância da prática da sororidade.

A equipe, ao elaborar a proposta do grupo, buscou priorizar nas rodas de conversas os debates em torno das temáticas abordadas, propiciando às mulheres apresentarem as suas elaborações, mesmo que contraditórias. Assim, cada uma instiga a outra a falar, podendo se posicionar e ouvir o entendimento da outra e, desse modo, ao mesmo tempo em que contam as suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício do pensar compartilhado, que possibilita a significação dos acontecimentos. Este processo foi mediado pelas profissionais ali presentes e possibilitou a interação entre as participantes.

Desta forma, a partir da metodologia proposta, os encontros buscaram desconstruir as falácias em torno da sororidade, promovendo a ressignificação do termo no sentido de criar uma rede de apoio feminina que permita refletir sobre a forma como as relações entre as mulheres funcionam na prática, sem deixar de lado as opressões inseridas neste contexto. Também, que esses espaços possibilitem a construção de um pensamento que permita compreender que as relações entre as mulheres devem ser baseadas no valor coletivo, a fim de gerar uma mudança real na sociedade, bem como possibilitar a troca de conhecimentos sobre feminismo, empoderamento, empatia e importância da cumplicidade feminina. Cabe destacar, por fim, que as atividades propostas também se apresentaram como uma oportunidade de problematização de alguns temas do cotidiano das participantes, os quais, muitas vezes, se apresentam em forma de preconceito, violência de gênero, relações de gênero, entre outros.

Roda de conversa: relato de experiência

A experiência da pesquisa relata a vivência com as mulheres que integraram as rodas de conversas promovidas pelo Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do Município de Pinhais-PR, no projeto Grupo Sororidade Feminina. O NASF foi criado no município de Pinhais/PR, com base nas Portarias nº 154/2008 e 2488/2011 do Ministério da Saúde, e tem como objetivo principal apoiar a inserção da Estratégia de Saúde da Família na rede de serviços, bem como ampliar a abrangência das ações da Atenção Primária aos usuários do SUS. Ele desenvolve ações que criam espaços para discussão e análise de casos complexos, oferecendo suporte técnico junto aos profissionais de suas respectivas equipes e promovendo diversas atividades coletivas durante determinado período.

Os encontros iniciaram na primeira semana de agosto de 2019 e foram sistematizados periodicamente em encontros semanais nos dias 04, 17 e 28 daquele mês, sempre às quartas-feiras, no período da manhã,

tendo como local o CENFORPE II – Complexo da Secretaria Municipal de Educação de Pinhais-PR, espaço escolhido com o objetivo de oferecer um ambiente confortável e acolhedor para essas mulheres. A formação do grupo foi divulgada pelos Agentes Comunitários de Saúde de algumas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e durante os encontros do Grupo de Ansiedade e Depressão. O grupo de mulheres contou com a participação de uma psicóloga, uma residente de Psicologia, uma residente de Farmácia e uma Agente Comunitária de Saúde, as quais exerceram o papel de facilitadoras. Este estudo foi composto apenas por três encontros devido à necessidade de delimitar o tempo para a elaboração da pesquisa.

As rodas de conversas foram realizadas de acordo com a metodologia de trabalho em grupo, e contou com a participação média de nove mulheres. Os encontros foram baseados numa relação dialógica (sem hierarquia e autoridade) – eu-tu-nós – e possibilitou aprofundar democraticamente os debates a partir da sabedoria e riqueza que cada mulher possui sobre determinados assuntos. Foi fundamental adotar essa metodologia no processo de Educação Popular e construção deste projeto, pois a experiência permitiu entender que se

o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele (FREIRE, 1987, p. 128).

Neste sentido, a pesquisa foi acontecendo tanto por parte da pesquisadora no acompanhamento das ações do grupo como também com a participação das mulheres nas ações da pesquisa. Ele aconteceu a partir do espaço criado para que as mulheres tivessem a oportunidade de narrar suas experiências de vida e avaliarem como suas ações e modos de vida estão, na maioria das vezes, condicionadas à construção sexista e patriarcal, e como isso influenciou a construção de suas vidas.

As atividades realizadas durante os encontros aconteceram por meio de dinâmicas, músicas, colagem de figuras, entre outras técnicas, as quais fomentaram os debates, contando com diversos materiais de apoio para a realização das ações, como: papel, caneta, cola, entre outros.

Na primeira roda⁶ foi apresentada a proposta do grupo, sua justificativa e objetivo, bem como foram realizadas as apresentações pessoais, quando cada uma relatou quem era e falou sobre sua história de vida e o que a mobilizou a participar do grupo. Logo após as mulheres iniciaram os debates em torno do que elas compreendiam por “sororidade”, enquanto as mediadoras utilizaram algumas palavras para conceituar o termo e fomentar o debate, tais como: generosidade, solidariedade, empatia, liberdade e empoderamento.

Em seguida, uma das mediadoras explicou alguns dos conceitos abordados na roda de conversa, como feminismo, empatia e empoderamento. Percebeu-se que o conceito de “sororidade” não era algo novo no vocabulário das participantes, entretanto, não contemplava o seu real significado. O encontro permitiu entender que elas não tinham a compreensão de sua importância e tampouco a dimensão prática do termo, podendo gerar uma mudança social. Por fim, todas formaram um círculo e de mãos dadas cantaram a música “*Tocando em Frente*”, de Almir Sater.

Este momento definiu a compreensão de “sororidade” como sinônimo de solidariedade, generosidade e empatia, capaz de criar uma rede de apoio entre as mulheres para se auxiliarem mutuamente a reivindicar mudanças reais. E, para isso, elas precisam ser mais ativas e solidárias umas com as outras. Segundo Lagarde de Los Rios (2012), a sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e o esforço tanto individual quanto coletivo para extinção desse tipo de ideologia e

⁶ Ocorrida em 07 de agosto de 2019.

cultura, visando transformar as relações de solidariedade entre as mulheres.

Na segunda roda⁷ as atividades aconteceram em torno do tema “*Branca de Neve*”⁸, e o que as mulheres recordavam dele e como a história se inicia. Algumas mulheres, inclusive, narraram trechos do conto. Em seguida, foi realizado o exercício de associação livre das palavras, em que as mulheres tinham que escrever em uma folha algumas expressões que vinham à lembrança a partir da expressão: Branca Neve.

Dentre vários simbolismos deste conto ingênuo, singelo e inofensivo que perpassa gerações e gerações e que foi escrito e contado inocentemente às crianças, foi identificado: o estereótipo de beleza e juventude eurocêntrica da Branca de Neve, elemento que desencadeia o conflito que conduz à trama, não havendo espaço para a representação de mulheres “comuns”. A ideia transmitida é que o que realmente importa é o fato dela ser bela. Outra ideia é a bondade feminina, uma princesa boa e compassiva, uma mulher feliz e serena que apesar de sua história de orfandade e maus-tratos, sofre calada, bela e sorrindo, transmitindo a ideia de que a mulher deve ser passiva e conformada, e que é isso que se espera da mulher “bondosa”. Há, também, a rivalidade feminina entre Branca de Neve e sua Madrasta devido à beleza e juventude da mocinha “heroína”. A Madrasta busca, a qualquer custo, o título de “Mulher mais bela do reino” porque não lhe basta ser bonita, é preciso ser a “mais” bonita de todas. Branca de Neve foi acolhida na

⁷ Ocorrida em 14 de agosto de 2019.

⁸ Branca de Neve é, talvez, um dos contos de fadas infantis mais famosos que conhecemos. Originário da tradição oral alemã foi compilado pelos Irmãos Grimm e publicado pela primeira vez entre os anos de 1812 e 1822. O primeiro filme foi produzido em 1902, mas foi a partir da adaptação da Disney que a história explodiu, e se tornou mundialmente conhecida. Branca de Neve e os Sete Anões foi o primeiro longa-metragem de animação produzido nos Estados Unidos, o primeiro totalmente a cores, o primeiro a ser produzido por Walt Disney e o primeiro filme dos considerados Clássicos Disney. Desde então já foram criadas centenas de versões, refilmagens, adaptações, roteiros inspirados, além das toneladas e toneladas de produtos. Não há criança que não tenha tido contato em algum momento com essa história, que inaugurou a epidemia das Princesas. (<https://deliriumnerd.com/2019/02/12/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-um-classico-do-machismo/>).

casa dos sete anões (que são tratados pela mocinha como crianças/infantilização do homem). Lá ela encontra amparo e refúgio, e não lhe falta nada se tomar conta da casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar e remendar e conservar tudo limpo e organizado. A ideia transmitida é de que um ambiente doméstico bagunçado e desorganizado pelos homens é perfeitamente compreensível e que a principal atribuição na vida dos homens é o trabalho. E, finalmente, a Branca de Neve adormecida pela maçã envenenada é acordada pelo beijo do príncipe encantado. Em seguida, sobem em um cavalo branco e saem para serem “felizes para sempre”. A ideia é que Branca de Neve atinge o auge da felicidade por ser escolhida por um homem – “seu salvador”, e que a felicidade consiste em ser esposa de um príncipe. Observa-se que a intenção de associar este conto tão singelo com a cultura do machismo foi satisfatória e até superou as expectativas.

Esta atividade teve o propósito de fomentar o debate sobre os simbolismos profundos que existem por detrás deste conto de fadas, e como esta cultura envolve a todas completamente. Possibilitou, também, a reflexão sobre a importância de olhar com outros olhos e interpretar as maravilhosas histórias que lhes são contadas desde crianças e o seu impacto sobre a vida da mulher, como elas reforçam a cultura do machismo e criam uma série de estereótipos e ideias tão problemáticas que acabam sendo reproduzidas ao longo de suas vidas.

A história revelou a percepção da violência simbólica contra o gênero feminino, bem como os papéis atribuídos aos homens nessa história e de como eles são vistos como heróis, como verdadeiros vilões (caçadores, anões e o príncipe) ou vítimas (o Rei), e que aparecem para cuidar da mocinha bela e bondosa já que ela é incapaz de cuidar de si mesma.

A última atividade proposta foi o desenho da mão de cada participante numa folha de papel, e em cada dedo foi escrito o que vem representando o grupo para elas. Entre as diversas percepções destacam-se as seguintes: acolhimento, atenção, escuta, poder se

expressar, motivação, empoderamento, amizade, compartilhamento, união, compreensão, experiência, força, entre outros.

Na terceira roda⁹ uma das facilitadoras comentou sobre a existência de algumas pesquisas realizadas no sentido de evidenciar o espaço que a mulher deve ocupar na sociedade. Uma delas foi realizada com um grupo pequeno de crianças e indicou que os meninos são mais inteligentes do que as meninas, ou seja, a sociedade tende a associar mais a genialidade com homens do que com mulheres, o que acaba empurrando as mulheres para longe de trabalhos percebidos como aqueles que requerem genialidade. Outra pesquisa indica que 90% das meninas de seis a oito anos acham que Engenharia “é coisa de menino”, o que permite compreender as desigualdades de gênero que mostram como incentivos diferentes começam a limitar a igualdade de oportunidades para homens e mulheres, criando estereótipos de gênero desde a infância. Isso só se constitui a partir do padrão heteronormativo¹⁰ machista do patriarcado que vem sendo reproduzido secularmente no interior das relações familiares desde o nascimento da criança, e que constituem os padrões até os dias atuais.

As mediadoras chamam a atenção para a necessidade da quebra desses paradigmas e que os encontros são espaços importantes neste sentido. Reforçam a todo momento a importância de as mulheres se fortalecerem e criarem uma consciência crítica, ou seja, “pensarem fora da caixa”. Este momento foi mais uma oportunidade de construção de novos caminhos, e elevou a importância de compreender que quando a mulher é “colocada dentro da caixa”, a sua humanidade fica limitada.

Para finalizar foi proposta a colagem de figuras com frases significativas e o que representavam para cada uma delas. As mulheres resgatam sentimentos e atitudes presentes em seu cotidiano, como a

⁹ Ocorrida em 28 de agosto de 2019.

¹⁰ “O padrão heteronormativo visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho” (MEYER; PETRY, 2001, p. 165).

importância do olhar para si, do respeito próprio e das mudanças que buscam e, apesar de nem sempre serem fáceis, devem ser aplicadas em seu cotidiano. A partir dessa atividade emergiram novas possibilidades de pensar e agir, sendo questionada a razão de não haver o costume de elas olharem para si próprias com mais carinho e admiração, uma vez que admiram o belo no outro sem questionar a sua própria beleza. Este momento possibilitou perceber que diante de inúmeros padrões impostos pela sociedade fica difícil manter a autoestima de maneira saudável, mas isso não é impossível. Sendo assim, foi reafirmado que as rodas de conversas são necessárias e têm a finalidade de trabalhar diversos aspectos limitantes que prejudicam o processo de empoderamento das mulheres.

Resultados obtidos e reflexões necessárias

A adesão das mulheres ao Grupo Sororidade Feminina revelou o grau de interação entre elas e as mediadoras nas rodas de conversa ao realizarem as propostas de atividades e debaterem os temas. A sua interação foi crescente no decorrer dos encontros na medida em que os vínculos eram fortalecidos. E, sem dúvida, um dos méritos obtidos foi das mediadoras das rodas de conversa, pois para certos assuntos era necessária uma maior intimidade com as mulheres a fim de que os objetivos fossem alcançados.

Ao abordar os papéis associados ao sexo feminino, foi possível observar certa normalidade a respeito de alguns conceitos atribuídos às mulheres, retratando que essas situações constituem parte da realidade de algumas delas. Os encontros, porém, possibilitaram relatos das mulheres que já passaram por alguma situação de opressão pelo simples fato de serem mulheres e contribuíram para a construção de conhecimentos e vivências de grande significado. Não se trata de meros relatos, mas depoimentos que serviram para fortalecer a confiança daquelas que já vivenciaram problemas idênticos, muitas vezes em silêncio.

Dessa forma, coletivamente foram construídas estratégias que incentivaram a mudança e, conseqüentemente, a quebra das amarras desse ciclo de desigualdade para o gênero feminino. Apesar de acontecer de forma gradativa, os encontros começaram um processo de desconstrução de conceitos patriarcais tão arraigados no imaginário social e que eram reproduzidos por algumas delas.

Outra questão observada a partir dos relatos dessas mulheres foram situações de desesperança vivenciadas por elas, pelo simples fato de ter nascido do sexo feminino em uma sociedade onde a mulher ocupa um lugar de subalternidade. Os relatos sobre suas vivências mostraram certo tipo de sofrimento, pois estão associados à dominação masculina e à opressão das mulheres, configurando a ausência dos seus direitos.

Ao acompanhar as discussões e debates dos encontros chamou a atenção o grande número de adoecimento psíquico nas mulheres ali presentes, decorrentes, muitas vezes, da multiplicidade de papéis desempenhados e das inúmeras situações estressante às quais as mulheres estão propensas. Entre outros fatores, os aspectos sociais apontam uma inegável diferença de gênero que contribuiu para esta condição.

No decorrer deste projeto vislumbra-se a possibilidade de se criar uma rede que visa o fortalecimento e a multiplicação de ideias transformadoras neste universo feminino. Acredita-se que seja nesse sentido que as rodas de conversa se constituíram em uma experiência subjetiva entre as mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças com outras mulheres, contribuindo com a extinção social das inúmeras formas de opressão e propiciando o apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital para cada mulher.

Desse modo, ao participar das atividades voltadas à prática da sororidade, a equipe teve o privilégio de adquirir não só experiência, mas conhecer a realidade de muitas mulheres, promovendo a mudança de sua visão social. Contribuiu, ainda, para que se tornassem profissionais mais preparadas para atuar junto às comunidades, com a

consciência de seu papel social. Considera-se que as ações desenvolvidas pela equipe foram importantes para essas mulheres, e que mesmo que gradativamente contribuíram para a construção de espaços de discussão e reflexão. Foram momentos de interação e compreensão da realidade e das diferenciadas formas de opressão sofridas pelo gênero feminino, cujos espaços possibilitaram a mudança de pensamentos e uma possível construção de relações mais respeitadas, justas e democráticas.

Por fim, os resultados observados a partir das rodas de conversa apontam para a relevância social deste projeto, que abarcou uma pequena parcela, às vezes esquecida, da população feminina do município de Pinhais/PR, a qual necessita de espaços como estes para se expressar e ser ouvida. Espera-se caminhar conjuntamente em busca da igualdade do gênero feminino. Observa-se que os encontros estão sendo satisfatórios, e que há vontade delas permanecerem nas rodas de conversas, apesar do longo caminho que ainda há para construir e evoluir juntas.

Considerações finais

O Grupo Sororidade Feminina foi desenvolvido a partir das rodas de conversas com um grupo de mulheres procedentes de diversos contextos. A partir da metodologia aplicada houve a partilha de relatos que possibilitou a percepção da importância dos espaços de fala de mulher para mulher, os quais reforçaram a desconstrução do mito da rivalidade feminina e fortaleceram a luta por menos desigualdade social para o gênero feminino. Tais opressões são decorrentes de um sistema machista patriarcal reproduzido pela sociedade ao longo da história.

Os encontros possibilitaram às participantes relatar suas vivências e dificuldades em relação às opressões vivenciadas em seu cotidiano, e juntas foi possível compreender a difícil missão que é ser mulher em uma sociedade sustentada pelo machismo que as oprime das mais variadas formas. Esses espaços de diálogo e de escuta onde são

partilhadas experiências e vivências promoveram a ressignificação do modo de pensar e agir.

Sabe-se que o caminhou ainda é longa, e que ainda é preciso muita persistência para que o verdadeiro significado e intenção deste projeto sejam efetivados. É necessário, porém, que se prossiga incentivando o debate sobre a importância da união feminina baseada na solidariedade, empatia e companheirismo, porque mesmo que em contextos diferentes, é preciso que as mulheres se reconheçam nas semelhanças e se apoiem em suas diferenças. As rodas de conversa possibilitaram abrir espaço de fala e propiciaram a quebra de ideias utópicas a respeito das relações entre as mulheres, possibilitando, aos poucos, que a prática da sororidade seja efetiva.

Apesar de a luta pela equidade, muitas vezes, ser frustrante e cansativa, os relatos das mulheres nas rodas de conversas encorajou a todas a continuar na busca pela igualdade de direitos. Foi possível enxergar que ainda existe uma comunidade cheia de mulheres que, apesar das suas diferenças e individualidades, estão dispostas a acolher aquelas que precisam de acalento. Que ainda existe alguém disposto a acolher, entender e, assim, empoderar para que a luta continue, porque as mulheres vivenciam diversas experiências e violências que só podem ser entendidas por outra mulher.

A experiência vivenciada com essas mulheres possibilitou fomentar e disseminar a ideia de criar uma rede de apoio entre elas, e que sororidade é um pacto social, ético e político entre as mulheres para que possam, em coletivo, reivindicar mudanças reais, promovendo mudanças significativas. Isso só foi possível a partir da metodologia aplicada com base na Educação Popular, que tem como premissa que a Educação se faz com o outro e não para o outro. A relevância desses encontros, portanto, permitirá a sua continuidade, sem prazo previsto para o seu término.

Referências

- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. *Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos*. Belo Horizonte: Recimam, 2008.
- ALVES, Rubens. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BABI, Souza. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
- BEABÁ DOS TERMOS: o que é machismo, sexismo, misoginia e feminismo? 2017. Disponível em: <https://www.insectashoes.com/blog/beaba-dos-termos-o-que-e-machismo-sexismo-misoginia-e-feminismo/>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- BECKER, Márcia Regina. *A sororidade como experiência produzida na pesquisa participante*. Trabalho apresentado na 37ª Reunião Nacional da Anped, GT06 - Educação Popular, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/sororidade-como-experiencia-produzida-na-pesquisa-participante>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- BERNARDES, C. R. O. et al. O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre? *Carta Capital*, jun. 2016. Disponível em: <http://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES: a primeira bela, recatada e do lar. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/02/12/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-um-classico-do-machismo/>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*. Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-29, jul./dez. 2009.
- FALEIROS, Eva. *Violência de gênero. Violência contra a mulher adolescente jovem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

- FERNANDES, Maria da Penha Maia; MOTA, Maria Dolores de Brito. *Brasil, feminicídio ao vivo: o que nos clama Eloá*. 2008. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=35583>. Acesso em: 04 ago. 2019.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GARCIA, André Luiz Ming. *O livro ilustrado de conto de fadas: forma(s) e natureza*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.
- GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 3, 2015.
- COSTA, Isabela Silva. *Sororidade - A essência e limite do conceito de solidariedade entre as mulheres*. 2019. Disponível em: <https://www.cress-g.org.br/Home/PDF/6face78f-bd21-4773-ac5f-f76e98d9c87e>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela. *El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías*. 2012. Livro eletrônico. Disponível em: <http://www.legisver.gob.mx/equidadNotas/publicacionLXIII/ElFeminismoenmiVida.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- MACHADO, Liliane. Uma estranha amizade: quando o cinema sobrepõe a solidariedade entre as mulheres às situações de violência cotidiana. STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas* [livro eletrônico]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.
- MADUREIRA, Ana Flávia Amaral. *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1610>. Acesso em: 08 ago. 2019.
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PETRY, Analídia Rodolpho. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan./jul. 2011.

O QUE É SORORIDADE. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sororidade/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

PENKALA, Ana. *A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black*. Trabalho apresentado IV SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória em novembro de 2014. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2015/03/13_dossie_04_artigo_penkala.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 16, Campinas, SP, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARDENBERG, M. B. Cecília. *Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista*. Bahia: NEIM/UFBA, 2006.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TIBURI, Marcia. Prefácio. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.